

Por que Aconselhamento Bíblico e Não Psicológico?

John D. Street

Cristãos bíblicamente fundamentados devem ser prudentes, desconfiados, dentro de um padrão santo. Eles devem desconfiar de toda e qualquer disciplina ou esquema epistemológico que empenhe autoridade exclusivista no que tange ao processo de aconselhamento para problemas pessoais. Um antagonismo natural sempre tem existido entre conselheiros bíblicos e terapeutas profissionais, porque as teorias psicoterapêuticas têm passado dos limites com relação à liberdade com que têm lidado com os cuidados da alma.¹ Os cristãos estão plenamente autorizados a olhar com desconfiança a psicologia e suas teorias, já que na elaboração de suas teorias têm explicitamente negado a veracidade da Bíblia como também tem tomado a liberdade de rejeitar a autoridade que as Escrituras têm em matéria da alma humana.

Para o conselheiro cristão, a Palavra de Deus deve ser mais que uma rede de opções interpretativas para a aceitação ou negação das declarações psicológicas; a Bíblia é o instrumento prático do qual o conselheiro deriva sua autoridade funcional e final,² sendo aceito como a autoridade determinativa em antropologia. As Escrituras servem como a única fonte confiável para a terminologia do diagnóstico e do remédio usados pelo conselheiro cristão. A Palavra de Deus possui o sistema teórico exclusivo por meio do qual os problemas da alma podem ser apropriadamente interpretados e resolvidos.³ Mais importante ainda, ela declara possuir autoridade exclusiva em defender a significância e propósito para a vida do ser humano.⁴ Quando colocada em justaposição com o conselho do homem, a superioridade e abrangência da Palavra de Deus é inequívoca. O propósito de Deus para a vida do homem prevalecerá. O salmista declara:

¹ Para uma discussão histórica dessa disputa jurisdicional de quem está qualificado para dar conselho, se os psiquiatras ou o pastor, veja Andrew Abbott, *The System of Professions: An Essay on the Division of Expert Labor* (Chicago: University of Chicago Press, 1988) e David A. Powlison, *Competent to Counsel? The History of a Conservative Protestant Anti-psychiatry Movement*, dissertação de Ph.D., University of Pennsylvania, 1996.

² Cf. Sl 1.1,2; 119.50,92; 2 Tm 3.15-17; 2 Pe 1.3,19-21.

³ Cf. Lc 2.35; Hb 4.12,13.

⁴ Cf. Sl 73.25-28; Rm 11.36; 1 Co 10.31; 1 Jo 1.3,4.

O SENHOR desfaz o conselho das nações, anula os intentos dos povos. O conselho do SENHOR permanece para sempre, e os intentos do seu coração por todas as gerações (Sl 33.10,11).

Teologia e psicologia

A desconfiança histórica e a hostilidade inata entre a psicologia e a teologia ocorrem porque cada uma reclama, em seu assunto, a legitimidade de outras Weltanschauung.⁵ A intrusão imperialista da abordagem psicoterapêutica dentro do cristianismo tem tentado minimizar e redefinir a supremacia da Palavra de Deus no meio dos cristãos. Em nenhum lugar seu efeito tem sido mais intrusivo e dramático do que na ministração da Palavra com relação ao aconselhamento pastoral.

Por mais de um século, escolas especializadas e seminários têm preparado um exército de estudantes em uma variedade de linhas psicológicas sob o rótulo de *conselheiros pastorais*. Essa preparação com freqüência assumia os dogmas de algum renomado psicólogo ou psicoterapeuta, ou pior, elas ensinavam um variado menu acadêmico de métodos e teorias psicológicas da qual o pastor poderia lançar mão conforme achasse mais conveniente.⁶ Algumas das correntes psicológicas mais influentes e atuais nas escolas teológicas de graduação incluíram a psicanálise de Sigmund Freud, a psicologia analítica de Carl Jung, o aconselhamento psicológico inútil de Carl Rogers, a psicologia fisiológica do liberal teólogo que virou psicólogo G. T. Ladd,⁷ e a psicologia existencial de Soren Kierkegaard. Pastores preparados sob a influência dessas escolas psicológicas influenciaram toda uma geração de paroquianos, levando-os a pensar e agir de acordo com a terapia em voga, em vez de se pautarem pela orientação do Evangelho. Até a intenção das Escrituras foi substituída por uma hermenêutica psicológica que oprimiu a terminologia bíblica com interpretações psicoterapêuticas. Onde a Bíblia não foi substituída pela psicologia, foi redefinida por ela.

Muitos psicólogos ou psiquiatras de nossos dias declaram seguir exclusivamente essas antigas escolas psicológicas. Isso enfatiza o fato que a

⁵ Alemão para uma cosmovisão abrangente.

⁶ Um axioma universal ensinado aos seminaristas sem levar em consideração a tradição da psicologia do seminário ilustra a invasão jurisdicional da agenda terapêutica: “O aconselhamento pastoral é apenas para os mais básicos problemas da vida (esforços interpessoais, aconselhamento pré-matrimonial). O pastor nunca deve assumir o aconselhamento nos assuntos mais pesados no que se refere às ‘doenças mentais’ (depressão maníaca, o suicídio, ataques de pânico, esquizofrenia, sadomasoquismo, personalidade múltipla, atenção deficiente etc.), para as quais apenas um psicoterapeuta treinado está qualificado”. Este raciocínio está baseado na pressuposição fundamental de que a Palavra de Deus não aborda com eficácia o cerne desses problemas e, por isso, se fazem necessárias orientações dadas por um “profissional” treinado em termos de psique (isto é, psicologia humanística).

⁷ Muitos percebem que Ladd estava se referindo aqui ao segundo presidente da Associação Americana de Psicologia, antes do bem conhecido William James.

psicologia é um fluxo de teorias em constante mutação, estando longe de ser uma ciência madura. As teorias psicológicas estão com frequência substituindo outras teorias psicológicas. No espírito do inovacionismo alemão, a psicologia acadêmica busca a qualquer preço outras percepções, freando seu ímpeto inovador (eventualmente) apenas ante o relativismo pós-moderno. Sigmund Koch expressa sua frustração com a psicologia quando escreve:

A idéia de que a psicologia — assim como as ciências naturais na qual ela é formada — é cumulativa ou progressiva, simplesmente não é sustentada pela história. De fato, o difícil conhecimento conquistado por uma geração anterior, sintomaticamente elimina as ficções teóricas produzidas pela última... Por toda a história da psicologia como “ciência” o *difícil* conhecimento que ela tem oferecido à coletividade acadêmica tem sido sistematicamente negativo.⁸

Entretanto, aos cristãos continuam sendo ensinadas as essências da psicologia tanto de forma explícita quanto implicitamente, nos sermões, nas lições da Escola Dominical, em encontros de casais, em livros de auto-ajuda, em programas de rádio, em treinamentos missionários e nas universidades cristãs. Os princípios da psicologia são apresentados como se tivessem o mesmo nível de autoridade que as Escrituras, e disputam tenazmente com a autoridade bíblica pela primazia e até mesmo como única autoridade para determinar o bem-estar da alma. Organizações e agências missionárias persistem em usar ferramentas de avaliação psicológica⁹ no recrutamento de seus quadros; esses métodos surgem como resultado de pesquisas comportamentais da normalidade no ambiente secular, e de acordo com as atitudes e opiniões dos não-crentes, para determinar a aptidão e ajustamento potencial de seus possíveis candidatos a missionários. Além disso, como John MacArthur observou: “Nestes últimos anos, temos testemunhado o surgimento de um grande número de clínicas psicológicas evangélicas. Como quase todas elas, declaram oferecer aconselhamento bíblico, mas muitas oferecem simplesmente psicologia secular disfarçada com terminologia espiritual”.¹⁰ Muitos colégios cristãos, universidades e seminários têm incluído em seus currículos pesados conteúdos programáticos de psicologia e especializações denominadas “Programas de Aconselhamento Bíblico”, enquanto mantêm um centro essencialmente psicológico para abordar esses assuntos. Por causa disso, os cristãos têm bons motivos para desconfiar de todo tipo de conselho que não seja perfeitamente bíblico.

⁸ Sigmund Koch, “*Psychology Cannot be a Coherent Science*”, *Psychology Today*, setembro de 1969, 66.

⁹ Os mais comuns são o Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI/MMPI-2) e o Taylor-Johnson *Temperament Analysis* (T-JTA).

¹⁰ John MacArthur e Wayne A. Mack, *Introduction to Biblical Counseling* (Dalias: Word. 1994), 7.

Psicologia na Bíblia?

Alguns acreditam, e até mesmo ensinam, que o termo *psicologia* é de origem bíblica por causa de sua transliteração grega original. É uma combinação composta de duas palavras gregas, *psyché* (alma, mente)¹¹ e *logos* (palavra, lei). Ao unir etimologicamente essas palavras, passaram a significar *o estudo ou ciência da mente ou alma*. Na verdade, essa palavra tem laços etimológicos mais próximos do grego clássico do que do grego *koiné* do Novo Testamento.¹²

A palavra *psicologia* não aparece na Bíblia, ainda que haja infindáveis esforços exegéticos para descobrir a presença de seus significados primitivos. Encontrar as idéias da psicologia moderna no termo bíblico *psyché* é como equacionar a idéia contemporânea da dinamite com a palavra grega do Novo Testamento *dunamis*.¹³ D. A. Carson se refere a isto como um “anacronismo semântico”.

Nossa palavra *dinamite* é etimologicamente derivada de δυναμις (*poder*; ou, ainda, *milagre*). Eu não sei quantas vezes tenho ouvido pregadores oferecendo uma tradução de Romanos 1.16 como esta: “Não me envergonho do evangelho, porque ele é a dinamite de Deus para salvação de todos os que crêem” — com frequência com uma inclinação da cabeça como se algo profundo ou mesmo esotérico tivesse sido expressado. Isto não é apenas a falácia revisada da velha raiz. É pior; é um apelo a um tipo de etimologia invertida, a fraude da origem composta pelo anacronismo. Paulo pensou em dinamite quando escreveu essa palavra?... A dinamite explode coisas, destrói coisas, rasga as rochas, abre crateras, aniquila coisas.¹⁴

No primeiro século, o apóstolo Paulo não estava pensando no tipo explosivo de dinamite inventado pelo sueco Alfred Nobel (1833-1896) e patenteado em 1867. Ele estava pensando na sobrenatural habilidade de salvação de Deus, o Pai. A tendência de assumir um significado contemporâneo da palavra e impô-lo sobre a palavra bíblica, com a freqüente esperança de declarar uma visão dinâmica ou legitimar uma prática questionável, é uma tática comum e equivocada dos intérpretes atuais. De

¹¹ Esta palavra aparece 101 vezes no Novo Testamento e mais de 900 na Septuaginta, com muita freqüência traduzindo o vocábulo hebraico nephesh (alma, fôlego), mas ocasionalmente, leb (coração, homem interior, 25 vezes) hayyâh (vida, cinco vezes), rûah (espírito, duas vezes) e ‘is (homem, uma vez, Levítico 17.4).

¹² O uso do termo logos significa “palavra” ou “lei” enquanto o grego clássico enfatizava a disciplina humana ou estudo — ology. Veja também uma primeira distinção da psique (alma inconsciente) e thymos (alma consciente) em Homer, Iliad, 11, 334.

¹³ Mateus 25.15; Marcos 5.30; Romanos 1.16; 1 Coríntios 4.19,20; Filipenses 3.10.

¹⁴ D. A. Carson, *Exegetical Fallacies* (Grand Rapids, MI: Baker, 1984), 32-33.

fato, encontrar vários significados contemporâneos dentro do inspirado texto, fora da intenção do autor, é um traiçoeiro fenômeno pós-moderno.

Portanto, o uso das Escrituras para dela extrair o termo *psyché* não valida bíblicamente a prática da psicanálise suplementar em aconselhamento cristão.¹⁵ Nem as variáveis da teoria psicanalítica — como superego, id e ego — podem ser encontradas intrinsecamente nesse termo. Ainda assim, não é incomum para cristãos, psicólogos e outros interessados lerem as noções neofreudianas sobre um subconsciente dentro da palavra bíblica *psyché*.

Além disso, a típica bifurcação entre a alma e o espírito, feita por alguns psicólogos cristãos não pode ser bíblicamente sustentada. Um psiquiatra cristão oferece esta explicação: “A alma é o aspecto psicológico do homem, enquanto que o espírito é espiritual; a mente repousa no aspecto psicológico do homem e não no espiritual”.¹⁶ Tão artificial distinção se forma encontrando significado psicológico nos termos bíblicos. Ambos *alma* e espírito fazem parte do mesmo intangível aspecto do íntimo do homem, a parte do homem que apenas Deus vê. Um estudo da concordância da palavra *psyché* mostra que quando as Escrituras usam o termo *alma* com relação ao ser humano, se referem àquele aspecto do íntimo do homem *em conexão* com seu corpo. Quando a Bíblia usa o termo *espírito*, está se referindo àquele aspecto do íntimo do homem *sem conexão* com seu corpo.¹⁷ Não existe nenhuma distinção nas Escrituras entre um interior humano psicologicamente orientado e outro espiritualmente orientado.

Todo o interior humano está sob o domínio do espiritual. Nessa arena, a Bíblia reina não apenas como fonte suficiente para solucionar os problemas da alma, mas também como a fonte suprema. Como Agur avisa claramente em Provérbios 30.5,6: “Toda Palavra de Deus é pura; ele é um escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que ele não te repreenda e tu sejas achado mentiroso”.¹⁸ A tentativa de importar uma significância psicológica desse final do século 20 dentro de uma linguagem bíblica em nosso idioma (ou o hebraico original, aramaico ou grego para essa matéria) é negar a intenção divina de sua autoria. De fato, os esforços do anacronismo para legitimar as práticas psicoterapêuticas entre os cristãos pelo apelo à similar terminologia bíblica são lingüisticamente fraudulentos, presunçosos e equivocados.

¹⁵ Na prática, é a Bíblia que termina suplementando a teoria psicoterapêutica na psicologia cristã, e não o contrário.

¹⁶ Frank E. Minirth, *Christian Psychiatry* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1977), 64-65.

¹⁷ Jay E. Adams, *A Theology of Christian Counseling* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979), 116.

¹⁸ Pv 30.5,6; cf. Dt 4.2;12.32; Mt 5.18-20; Ap 22.18,19.

Usar a Bíblia para justificar práticas psicológicas é algo que só pode ser levado a cabo se forem forçados os limites das definições. Um autor escreve assim, mostrando sua definição com muito estardalhaço, antes de descrever as visões psicológicas que ele observa em Mateus 5: “Mas o estudo do caráter, os aspectos de seu bem-estar e a mudança de caráter para melhor parecem ser a aplicação de um tipo de psicologia e psicoterapia em um sentido amplo dessas palavras”.¹⁹ “Sentido amplo” aqui, implica “sentido simples” ou algo carente da complexidade de pesquisa psicológica contemporânea. A psicologia cristã vê as Escrituras como a “fonte de idéias cristãs, incluindo as psicológicas”.²⁰ Em outras palavras, a Bíblia seria útil para análises introdutórias e para a germinação de outras idéias, mas não suficientemente compreensiva e abrangente para dar suporte consistente para as confusões dos sérios problemas da alma humana. As Escrituras, de acordo com a chamada psicologia cristã, são um simples e primitivo manual do desenvolvimento e mudança do caráter cristão; a psicologia e a psicoterapia, no entanto, provêem exaustivas idéias para refinar o caráter e promover o bem-estar. Então essa “fonte de idéias cristãs” simplesmente umedece o paladar, mas não extingue a profunda sede da alma. Supostamente, os canais da psicologia adicional devem irrigar as gotas da verdade das Escrituras se o que se pretende é suavizar a sede de problemas da alma na vida. De acordo com a psicologia cristã, o Sermão do Monte ensinaria uma forma de patologia, personalidade distintiva e envolvimento terapêutico, mas apenas em uma composição não-sofisticada.

Enquanto psicólogos seculares desdenhosamente tratam a Bíblia como arcaica e de psicologia equivocada, seus colegas cristãos trabalham desesperadamente para apoiar seus terapeutas novatos com uma apologética das origens da psicologia. Psicólogos cristãos com freqüência se envergonham, como o filho ilegítimo de sua maior e mais sofisticada família psicológica — a *American Psychological Association* (APA) e a *International Psychoanalytical Association* (IPA). Levados por um desejo profundo de impressionar seus pais mais importantes e influentes, esse cristão “envergonhado” aceita que seja ignomínia o perigo de confiar plenamente na Bíblia. Organizações como a *Christian Association of Psychological Studies* (CAPS) e como uma extensão menor a *American Association of Christian Counselors* (AACC) têm visto a psicologia como fonte suplementar para a Bíblia. Um cristão que trabalha como psicólogo explica:

A despeito da riqueza de informações sobre os seres humanos que encontramos nela, seu universo e seu Deus, a Bíblia não foi criada para ser um livro de texto de psicologia... a Bíblia não nos fala sobre... os estágios de desenvolvimento da infância, os pontos de resolução de

¹⁹ Robert C. Roberts, “A Christian Psychology View”, *Psychology & Christianity: Four Views*, eds. Eric L. Johnson e Stanton L. Jones (Downers Grove, IL: IVP, 2000), 159.

²⁰ *Ibidem*.

conflito, ou os meios de tratar a dislexia ou a paranóia. A psicologia sim, se concentra em questões como essas.²¹

Em outras palavras, o texto bíblico é uma psicologia superficial e imprecisa e deve ser visto apenas como o portão de entrada para uma terapia mais embasada. A APA zomba dos cristãos que estão “iludidos” com esses mitos religiosos, mas encontram os mitos potencialmente úteis se o psicólogo cristão não leva sua Bíblia a sério demais quando lida com ela. O cristão que tentar manter um pé na Bíblia e outro na disciplina intrusiva da psicologia, com certeza enfrentará o desafio de um equilíbrio precário. Aqueles que não escorregam na fé cristã com frequência se despedaçam. Reduzindo os ensinamentos de Jesus e os discípulos a uma psicologia primitiva e não refinada, destroem a completa confiança cristã na Bíblia, e essa subjugação é, na melhor das hipóteses, um reconhecimento tácito de uma suposta insuficiência bíblica.

Psicologia no dicionário

O que é psicologia? Ainda que seja um termo comum e com frequência usado, sua conotação é equivocada. Definições populares e escolásticas cobrem uma ampla gama semântica a partir do processo de pesquisa científica para a teoria e prática terapêutica, de doenças mentais biológicas a clínicas. Os sistemas incluem biopsicologia, psicologia experimental, psicologia cognitiva, psicologia do desenvolvimento, psicologia clínica, psicologia social, psicologia industrial-organizacional e psicologia transcultural. Em adição, uma sortida oferta de teorias psicoterapêuticas orienta muitos dos sistemas psicológicos — psicodinâmico, humanístico, existencial, sistemas familiares, comportamental-cognitivo, ou psicoterapia pós-moderna. Como afirmamos, a breve história da psicologia está deletariamente marcada com um número incontável de modelos descartáveis. Em outras palavras, a psicologia está longe de ser uma disciplina especial. Seria melhor se referir a “psicologias”,²² uma vez que a pletera de teorias e sistemas, atuais e passadas, é abundante.

A definição mais comum e básica da psicologia, usada pela grande maioria de instituições de ensino, mantém uma conexão próxima entre a psicologia e a ciência. De acordo com essas instituições: “A psicologia é o estudo científico de comportamento e processos mentais”.²³ Mas, isso é verdade? A psicologia é uma disciplina científica? Se ela é científica, como

²¹ Ibidem, 110. A Bíblia não declara ser um livro de texto especializado em biologia, química, física, astronomia ou, ainda, administração de negócios; mas quando ela menciona essas áreas, seu conteúdo nessas questões deve ser considerado infalível e de maneira impositiva. No entanto, em geral, a Bíblia declara ser o conselho de Deus para o homem.

²² Este é o termo do Dr. David Powlison (instrutor no *Christian Counseling* e da *Education Foundation* e professor no *Westminster Theological Seminary* em Filadélfia).

²³ Robert S. Feidman, *Essentials of Understanding Psychology*, 4 ed. (Boston: McGraw Hill, 2000), 4.

pode alguém se opor às suas declarações? Os capítulos iniciais, na maioria dos livros-texto de psicologia introdutória para novatos, abordam intensamente assuntos relacionados às ciências naturais: biologia, bioquímica, neurologia, o sistema límbico, o sistema endócrino e órgãos sensoriais. No entanto, os capítulos restantes do livro com frequência se movem cada vez mais distantes das difíceis ciências do comportamento humano, dentro da teoria da personalidade, motivação, emoções, desenvolvimento humano, orientação sexual, psicologia anormal, psicologia social e psicoterapias.

Questões sérias aparecem com respeito à verdadeira natureza científica da psicologia, pois uma grande confiança é depositada nas chamadas ciências “comportamentais”. Muitas das sustentadas evidências científicas não são melhores que pesquisas de opinião. A relação da psicologia com as ciências naturais pode ser comparada à semelhança entre a margarina e a verdadeira manteiga. A margarina parece e se espalha como a manteiga, mas ninguém que a experimenta diz que são iguais! Karl Popper detecta um problema maior na psicologia quando escreve: “As teorias da psicologia para o comportamento humano, ‘colocadas como ciências’ têm, de fato, mais conteúdo em comum com mitos primitivos que com ciência... Elas contêm muitas sugestões psicológicas interessantes, mas não em forma experimentável”.²⁴ Uma nota similar de alerta apresentada por Scott Lilienfeld a respeito da prática da saúde mental:

Em várias décadas passadas, nos campos da psicologia clínica, psiquiatria e trabalho social, surgiram testemunhas de uma abertura ampla e profundamente problemática entre a ciência e a prática (veja Lilienfeld, 1998, para uma discussão). Carol Tavris (1998) escreveu com eloquência sobre o crescente abismo entre o laboratório acadêmico e a sua expressão, e a preocupante discrepância entre o que temos aprendido sobre a psicologia da memória; hipnose; capacidade de influência por sugestionamento; julgamento e avaliação clínica; e as causas, diagnoses e tratamento de distúrbios mentais, por um lado, e a rotina da prática clínica, por outro.²⁵

Percebe-se claramente um problema epistemológico no cerne da declaração *a priori* da psicociência: Ela não é tão científica quanto declara ser. Se a psicologia e a psiquiatria realmente trabalhassem usando um código estrito da ciência de causa e efeito em vez de pesquisa construída em causas que parecem ser relacionadas a efeitos, elas poderiam ser consideradas autoridades críveis por pastores e conselheiros bíblicos. No entanto, quando a

²⁴ Karl Popper, “*Science Theory and Ealsifiability*”, *Perspectives in Philosophy*, ed. Robert N. Beck (Nova York: Holt, Richart, Winston, 1975), 343.

²⁵ Scott O. Lilienfeld, “*The Scientific Review of Mental Health Practice: Our Raison d’Etre*”, *The Scientific Review of Mental Health Practice*, primavera/verão 2002, 5.

psicologia invade o território bíblico, declarando possuir plena autoridade na área de aconselhamento, chegando a ditar normas do que o homem “deve” fazer, ela está usurpando o domínio de Deus. Cremos que os esforços da psicologia são tanto ilegítimos quanto inúteis, porque não podem chegar a conclusões absolutas sobre a vida, uma vez que em seu cerne a psicologia é apenas um homem falível dizendo a outro homem falível o que fazer. A arrogância é abundante em tal ambiente. Apenas a divinamente inspirada Palavra de Deus tem autoridade para fazer isso.

Outro problema surge com a ciência da psicologia. Mesmo que a psicologia recuasse em seu subjetivismo pseudocientífico e contasse plenamente com o auxílio das ciências naturais, ela ainda chegaria a conclusões inexatas. Por quê? As pressuposições *a priori*, da esmagadora maioria das ciências naturais, são as evolucionárias. Freud (1856-1939) era um devoto de Darwin. Todos os livros-texto de psicologia desde o tempo de Freud, qualificados ou não, sustentam que o homem é um animal desenvolvido. Estudos de pesquisas psicológicas sobre a biologia do homem interagindo com seu ambiente são com frequência baseados em estudos animais. Por exemplo, inferências concretas foram feitas a respeito da ligação emocional entre uma criança e sua mãe por intermédio do estudo de como filhotes de macacos se tornaram ligados a “mães-macaco” gentis, calorosas e ternas em vez de ligar-se a “mães-macaco” que davam leite.²⁶ A hipótese óbvia é que infantes humanos, por causa de sua herança evolucionária, são idênticos ou consideravelmente similares em desenvolvimento a filhotes macacos em suas respostas de ligação. A partir desses estudos fundamentais, que terminaram merecendo considerável credibilidade, os psicólogos estabeleceram padrões de desenvolvimento geral que afetam as políticas governamentais e educacionais do bem-estar da criança. De forma ainda mais direta, conselhos terapêuticos dados aos pais são baseados sobre a mesma pesquisa evolucionista.

A biopsicologia evolucionária define o homem como nada mais além de uma soma total de seus componentes químicos. Uma análise da complexidade avançada do animal altamente desenvolvido, chamado homem, pode revelar o processo biológico que o faz pulsar. Muitos livros-texto de psicologia contêm a descrição do infeliz acidente de Phineas Gage, o empregado de ferrovias de 25 anos que em 1848 teve uma estaca de uma polegada de diâmetro fincada em sua cabeça enquanto dinamitava rochas. Admiravelmente, ele sobreviveu, mas foi um homem radicalmente transformado. Antes do acidente, ele era um empregado responsável, trabalhador, geralmente de um notável comportamento ético e inteligente. Depois do acidente, ele se transformou em um homem amaldiçoado,

²⁶ Veja o clássico estudo do psicólogo Harry Harlow: H. F. Harlow e R. R. Zimmerman, “”, Science (1959), 130, 421-432.

beberrão e irresponsável, que não conseguia manter-se em um emprego ou estabelecer bons relacionamentos com outros. De acordo com as teorias defendidas na maioria dos textos de psicologia, as áreas de associação do córtex cerebral do sr. Gage foram destruídas, uma área em que os elevados processos mentais como o pensamento, a linguagem, a memória e a capacidade da fala ocorrem. Em outras palavras, o texto declara que a moralidade não é de maneira alguma assunto espiritual; é uma questão orgânica. De acordo com eles, o homem é moral porque seu cérebro se desenvolveu por milênios a partir de um núcleo central (o “velho cérebro”) para uma capacidade de raciocínio mais alta no córtex cerebral (o “novo cérebro”).

O que foi destruído no cérebro do sr. Gage foi uma porção de uma das mais altamente desenvolvidas áreas de associação do córtex onde a moralidade é determinada. Então, a pergunta que deve ser feita é: a moralidade é um assunto para a biologia, mas não para a Bíblia? As soluções orgânicas serão suficientes? Será possível que pedófilos no futuro possam tomar uma pílula para deixar de molestar crianças? Poderá uma receita médica acabar com os furtos de uma mulher cleptomaniaca? A biopsicologia evolucionária caminha nessa direção.

Os casos de pessoas com traumas cerebrais como Phineas Gage e outros não provam nada. Novamente, a psicologia fez associações que parecem ser relacionadas a causas, mas não há causa direta e efeito entre um ferimento e o comportamento imoral. Uma forte relação é feita porque a psiquiatria evolucionária está comprometida com uma cosmovisão materialista — a uniformidade das causas naturais em um sistema fechado. Mudanças repentinas voltadas para a maldade, como a evidenciada por Gage, são também claras em casos onde nenhum dano cerebral foi sofrido. Da mesma forma, algumas pessoas que têm sofrido sérios danos cerebrais em áreas de processos neuronais associativos do cérebro não mudaram moralmente. Sem levar isso em consideração, um trauma, como um acidente rodoviário, poderia expor o coração de alguém como Gage à influência danosa da maldade, que havia suprimido isso anteriormente.

Seguidos anos de hostilidade e fúria podem emergir de uma pessoa que haja previamente vivido sob a influência de um estilo de vida basicamente moral. Como Ed Welch explica, uma ferida pode fazer com que seja mais difícil pensar claramente e resistir à maldade latente: “Quando afetados por pecados ocultos, os problemas cognitivos são com frequência traduzidos em comportamento infantil, como o não desejo de ser ensinado, a irresponsabilidade, a impulsividade (especialmente financeira), oscilações

emocionais repentinas e sem causa aparente, depressão e irritabilidade”.²⁷ O trauma apenas aumenta a necessidade de manter puro o coração. Idosos que sofrem precocemente de Alzheimer ou demência terão pela frente tempos difíceis reprimindo desejos impuros, especialmente se o íntimo não foi nutrido durante os anos de saúde. Conselheiros bíblicos reconhecem a realidade de uma uniformidade das causas naturais, como sendo um sistema aberto. Isto significa que esses problemas têm dimensões sobrenaturais/espirituais. A obra sobrenatural do Espírito de Deus por intermédio da Palavra de Deus pode trazer uma vida renovada de santidade e justiça à vida da pessoa que crê, contrariando danos ou doenças cerebrais. O materialismo evolucionário termina em niilismo, desprovido dessa esperança.

A psicologia é uma disciplina científica? A resposta para esta pergunta é, na melhor das hipóteses, discutível. Certamente há aspectos dessa disciplina que usam raciocínios científicos rígidos cuidadosamente elaborados. Ainda assim, no entanto, as pressuposições *a priori* necessárias para trazer algum significado importante são patentemente evolucionárias. A psicologia é mais bem vista como um sistema filosófico de pensamento disseminado como uma cosmovisão materialista — behaviorismo, humanismo, determinismo, existencialismo, epifenomenalismo e simples utilitarismo pragmático.

Podemos afirmar com segurança que aconselhamento bíblico não pode ser também classificado como disciplina científica. E não declara ser, ainda que reconheça honestamente a validade da ciência médica e da pesquisa biológica como aplicação para genuínos problemas orgânicos. O aconselhamento bíblico reconhece plenamente que sua epistemologia cresce na pressuposição teísta de um Criador auto-revelador que “...visto como o seu divino poder nos tem dado tudo o que diz respeito à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e virtude” (2 Pe 1.3). A Bíblia não é uma enciclopédia com tópicos de aconselhamento que listam o tratamento ou remédio específico para cada problema particularmente, mas ela contém, sim, suficientes dados reveladores para estabelecer um padrão efetivo de cosmovisão para o diagnóstico e cura para todos os problemas da alma. Uma explicação extensa feita por David Powlison ilustra este ponto:

Conselheiros bíblicos que não consideram cuidadosamente a natureza da epistemologia bíblica correm o risco de agir como se as Escrituras fossem exaustivas, e não compreensivas; como se as Escrituras fossem um catálogo enciclopédico de todos os fatos significantes, mais do que a revelação de Deus de fatos cruciais, ricamente ilustrados, que produzem uma cosmovisão suficiente para interpretar qualquer fato

²⁷ Edward T. Welch, *Blame it on the Brain?* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1998), 91.

que encontremos; como se as Escrituras fossem um saco de bolas de vidro mais do que os óculos através do qual interpretamos todas as bolas de vidro; como se nossa compreensão das Escrituras e das pessoas fosse definitiva e completa. Integracionistas vêem as Escrituras como um pequeno saco de bolas de vidro e a psicologia como um grande saco de bolas de vidro. A lógica da epistemologia integracionista é esta: Coloque os dois sacos juntos, retire as bolas ruins e óbvias da psicologia e você terá mais bolas de vidro.²⁸

Alguns conselheiros bíblicos erram em acreditar que a Bíblia seja algo semelhante a um saco de bolas de vidro. De outro lado, psicólogos cristãos com uma epistemologia integracionista não acreditam que a Bíblia tenha suficientes bolas de vidro para oferecer ajuda satisfatória nos cuidados da alma. De fato, eles acreditam que adicionando o grande saco de bolas de vidro da psicologia para uma boa mistura, estarão mais bem preparados para ter sucesso nesse jogo com bolas de vidro. Eles lançam mão constantemente, no entanto, das bolas de vidro da psicologia que são distorcidas e equivocadas pela influência de uma cosmovisão errada. Suas bolas de vidro bíblicas são eventualmente marginalizadas por sua epistemologia integracionista. Com visão míope, não podem extrair as bolas más, e muito menos jogar de forma eficaz. Powlison pergunta: “A Bíblia é um saco de bolas de vidro ou óculos todo-suficiente da verdade — com muitas bolas ilustrativas — pelo qual Deus corrige nossa visão corrompida pelo pecado?”²⁹

A diferença entre o aconselhamento bíblico e a psicologia cristã é uma questão de cosmovisão. Conselheiros bíblicos acreditam que o conselheiro precisa de novos óculos. Os psicólogos cristãos acreditam que o conselheiro precisa de mais bolas de vidro. Quando a Bíblia é a lente corretiva do conselheiro cristão, ele tem uma perspectiva de cosmovisão suficiente, com abundante material ilustrativo, para reinterpretar bíblicamente todas as experiências humanas para os cuidados da alma.

Aconselhamento bíblico na Bíblia

A Bíblia justifica essa cosmovisão de aconselhamento? Se a resposta é sim, pode um conselheiro bíblico confiar nas afirmações feitas a partir de pesquisa no mundo natural? Afirmamos com segurança que é possível priorizar a Bíblia em um esquema de aconselhamento, como também fazê-la fonte confiável para a etiologia de conselheiros cristãos. Dessa forma, a Bíblia provê a terminologia de diagnóstico e cura, assim como o padrão teórico, do qual cada problema da alma pode ser apropriadamente interpretado e

²⁸ David Powlison, “*Critiquing Modern Integrationists*”, *The Journal of Biblical Counseling*, XI (primavera de 1993), 32.

²⁹ *Ibidem*, 33.

resolvido. Os efeitos noutéticos (pertencentes à mente) do pecado não somente causam nos conselheiros uma interpretação errada quanto aos problemas da alma, como também desnorteiam a seleção de classificações adequadas para entender a significância desses problemas, começando com a visão do conselheiro sobre Deus e estendendo-se à visão do conselheiro sobre o homem.

A Bíblia, e não a psicologia, deveria estabelecer as categorias determinantes para entender a teologia e a antropologia. Por exemplo, as Escrituras não contêm informação alguma de que o homem esteja numa luta contra uma “cosmovisão deturpada de si mesmo” ou “baixa auto-estima”. Ainda assim essa idéia tem sido a orientação de uma parte considerável da psicologia popular cristã. A fonte material teórica não vem da Bíblia, mas de psicologias seculares como as de William James, Erich Fromm, Karen Horney e Abraham Maslow. De fato, a antropologia bíblica ensina que o homem ama demais a si mesmo, e se ele amasse a Deus e aos outros tanto quanto já ama a si mesmo, ele teria uma vida melhor.³⁰

Em adição a isso, nenhuma justificativa para a classificação da personalidade como fator determinante em conflitos interpessoais e conjugais pode ser encontrada nas Escrituras. Uma etiologia psicológica de tais problemas faz com que os cristãos se concentrem em questões erradas, evitando o problema crítico do coração idólatra, que é o que realmente precisa mudar. Categorias classificatórias da personalidade não têm nada a ver com a Bíblia; principalmente quando encontram sua inspiração na antiga mitologia grega.³¹ Mitologia à parte, a personalidade apresentada na Bíblia é flexível e não uma característica pétrea. Um diligente estudante da Bíblia deveria estar apto para distinguir as declarações da psicologia, tanto antigas quanto novas, diferenciando-a do critério absoluto da verdade de Deus. Da mesma forma, o conselheiro cristão não apenas deveria se referir à verdade bíblica no aconselhamento, mas deveria ser também *sua razão de viver*.

Além disso, organizações credenciadas por entidades cristãs sérias e sem fins lucrativos, sustentadas pela Igreja, têm surgido nos últimos 30 anos para levar os cristãos de volta a um ministério de aconselhamento baseado na Bíblia. De forma notável, podemos destacar o trabalho realizado pela *National Association of Nouthetic Counselors* (NANC).³² Essa entidade é a avó de tais

³⁰ 1 Sm 18.1; Mt 22.37-40; Mc 12.30,31; Ef 5.28,29; veja também Jay E. Adams, *The Biblical View of Self-Esteem, Self-Love, Self Image* (Eugene, OR: Harvest House, 1986) e Paulo Brownback, *The Danger of Self Love: Re-examining a Popular Myth* (Chicago: Moody Press, 1982).

³¹ Sanguíneo, fleumático, melancólico e colérico têm raízes no latim, referindo-se a quatro humores corpóreos respectivamente — sangue, fleuma, bile preta e bile amarela. Os antigos gregos acreditavam que a supremacia de qualquer um desses humores sobre os outros no corpo determinava as características da personalidade.

³² *National Association of Nouthetic Counselors*, 3600W. 96th St., Indianápolis, IN 46268-2905, www.nanc.org.

organizações, criadas para assistir a Igreja no desenvolvimento e manutenção da excelência no aconselhamento bíblico. O termo *nouthetic* é derivado da palavra do Novo Testamento que significa prevenir, admoestar ou aconselhar. O NANC tem sido extremamente influenciador em ajudar igrejas a criar ministérios de aconselhamento construídos sobre um modelo de aconselhamento bíblico por excelência.

O paradigma do salmo 19

A grande contribuição que a Bíblia oferece no processo de aconselhamento é belamente ilustrada no salmo 19, que foi chamado de “o salmo dos dois livros”, porque a primeira metade apresenta Deus se revelando no domínio criado (revelação geral), e a segunda metade apresenta Deus se revelando através da Palavra (revelação especial). Um estudo cuidadoso dos Salmos, no entanto, demonstra que o salmista Davi não mudou os tópicos à medida que ia compondo o seu saltério. O salmo 19 é um salmo de um livro, não dois.

REVELAÇÃO GERAL

A primeira metade do salmo descreve teologicamente a base e a extensão da revelação geral (v. 1-6). O pastor! poeta introduz o salmo com uma clara demonstração da glória de Deus nos céus ao declarar: “Os céus proclamam a glória de Deus” (v. 1a)! A glória de Deus é pintada em cores brilhantes através do céu. Davi afirma que o projeto e o poder cósmico do universo coloca a resplendente glória de Deus em evidência, como uma bandeira desfraldada ao vento e estendida de horizonte a horizonte. A palavra hebraica para “glória” carregava originalmente a conotação mais literal de “carga” ou “peso”. Mais tarde, o significado da palavra foi desenvolvido dentro de um conceito de “importância” ou “glória”. Quando os olhos percorrem o brilhante céu noturno, uma pessoa está apta para entender o peso ou a importância do Deus Todo-poderoso. A revelação geral é capaz de tirar o fôlego do atento espectador, pelo temor da inteligência pura do onipotente Criador.

A seguir, em paralelismo sinônimo, o salmista renova a mesma idéia na segunda linha usando palavras diferentes. Davi diz: “...e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (v. 1b). Cada um dos verbos principais nas primeiras duas linhas, “proclamam” e “anuncia”, usam a força do texto hebraico, indicando uma ação progressiva. A glória de Deus está sendo consistentemente demonstrada pelo mundo ao nosso redor.

O versículo 2 continua destacando o moto contínuo da obra natural do Criador, que vem demonstrar mais uma vez a glória de Deus, para que o

homem veja: “Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite”. “Faz declaração” provém de um verbo que significa “empurrar para fora”. Como um géiser naturalmente jorra vapor e água por meio da pressão subterrânea, assim a revelação natural está sob pressão para trazer à tona a glória de Deus.

Sem que nenhuma palavra seja pronunciada, tudo isto é consumado. A *English Standard Version* provê uma excelente tradução aqui: “Não se ouve discurso, nem há palavras, cujas vozes sejam ouvidas” (v. 3). A *King James Version* coloca a palavra onde — “*onde* suas vozes não são ouvidas” — e por intermédio disso, confunde o significado. A ênfase nesse versículo não é a localização da mensagem; é a linguagem da mensagem. Deus é capaz de entregar a mensagem essencial sem o uso de uma única expressão verbal. Pela comunicação não-verbal, pessoas de todas as culturas e de todas as línguas têm a capacidade de entender que o Deus Todo-poderoso existe em toda sua grande magnificência.

A primeira parte do versículo 4 reforça a mensagem: “Por toda a terra estende-se a sua linha, e as suas palavras até os confins do mundo”. Ninguém pode escapar dessa poderosa mensagem não-verbal, porque ela se estende pelo horizonte afora. As pessoas não podem se esconder dela nem dela correr. Todos são visualmente bombardeados com o poder de Deus e seu incomparável projeto criativo.

Então, em paralelismo emblemático, Davi estende o entendimento do leitor sobre o papel da revelação geral com o uso de duas vívidas imagens — o noivo e o atlético maratonista (v. 4c-6).

Nes pôs uma tenda para o sol, que é qual noivo que sai do seu tálamo, e se alegra, como um herói, a correr a sua carreira. A sua saída é desde uma extremidade dos céus, e o seu curso até a outra extremidade deles; e nada se esconde ao seu calor.

O sol é comparado a determinado noivo entrando em sua tenda para reivindicar o direito de possuir sua noiva. Vemos aqui uma direção predeterminada, assim como cada manhã o véu da escuridão é deixado para trás com a promessa gloriosa de Deus de um novo dia. O sol também faz seu percurso de uma extremidade dos céus à outra, como um homem forte; ele não pára e ninguém pode detê-lo. Um bom maratonista se mantém concentrado no objetivo de terminar a corrida, assim como o sol está concentrado em completar o percurso que o Criador lhe determinou. Todas essas especificações, movimentos ordenados, regularidade e poder são evidências abundantes da glória de Deus.

A descrição não termina ali, porque o versículo seguinte (6c) indica que ninguém pode escapar à influência da glória de Deus na criação: "...e nada se esconde ao seu calor". Ainda usando a analogia do sol, o salmista enfatiza que todos podem sentir o calor da glória de Deus. Mesmo o limitado mundo sensitivo de alguém que é cego, surdo ou mudo tem a capacidade de sentir o ir e vir do calor do rítmico pôr e levantar do sol. Pessoas com "menor capacidade intelectual" ou aqueles com profundo atraso mental (QIs 39 ou mais baixo) são significativamente tocados com a mensagem básica da presença de Deus e da Sua glória. Esse é o poder penetrante da mensagem não-verbal. Claramente, a revelação geral tinha a intenção de colocar em evidência o poder e o projeto criativo de Deus.

Nesse ponto, uma pergunta deve ser feita: Qual a função pedagógica que a Bíblia atribui a Deus como sendo o seu papel que Ele pretende dar à revelação geral? Um cristão integracionista de psicologia respondeu assim: "Toda a verdade é certamente a verdade de Deus. A doutrina da Revelação Geral provê justificativa para ir além da revelação proposta pelas Escrituras em direção ao mundo secular, onde estudos científicos esperam encontrar a verdade e conceitos utilizáveis... Novamente, deixe-me insistir que a psicologia oferece ajuda real para o esforço do cristão em entender e resolver os problemas pessoais".³³ Conquanto seja realmente verdade que "toda a verdade é verdade de Deus", é também verdade que "todo erro é erro do Diabo".³⁴ O truísmo "toda a verdade é verdade de Deus" reduz seu argumento a *reductio ad absurdum* e leva a lançar essa pergunta óbvia, quando usado de forma simplista pelos integracionistas. Por exemplo, outro psicólogo cristão se apegava a uma visão reducionista de que a Bíblia afirma que: "Assim como os estatutos de Deus nas Escrituras estão ligados ao Seu povo, Seus 'estatutos' ou modelos fixos dentro do padrão do céu e da terra estão ligados a todo o cosmos".³⁵ Então ele sugere que assim como os autores de Provérbios apelaram para fenômenos naturais, também o psicólogo cristão pode fazer o mesmo em determinar leis psicológicas *quase causais* para a vida. Isto não apenas coloca o psicólogo no mesmo nível dos escritores inspirados das Escrituras, mas anula o aviso de Provérbios 30.5,6 sobre adicionar conteúdo à exclusiva Palavra de Deus.

Ninguém questiona os muitos benefícios da revelação natural para a humanidade, inclusive descobertas feitas por intermédio das ciências naturais e da pesquisa médica. Ainda assim, algumas dessas descobertas talvez tenham aplicação limitada para aquele que crê na santidade da vida, porque Deus criou as pessoas à Sua imagem (por exemplo, com relação ao aborto e à tecnologia

³³ Lawrence J. Crabb, Jr., *Effective Biblical Counseling* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1977), 36-37.

³⁴ Uma frase cunhada por Jay Adams e ouvida pessoalmente por este autor.

³⁵ John H. Coe, "Why Biblical Counseling Is Unbiblical", CAPS 1991 posição do papel de apresentação, 7, www.students.biola.edu—jay/bcresponse.html.

da fertilidade). Mas quando a ponte metafísica para o ser interior é cruzada por uma psicologia transgressora, o que as Escrituras identificam como sendo o papel da revelação geral?

De acordo com o salmo 19, o papel da revelação geral é alertar todos os homens para a suprema glória de Deus. Ele é um Criador organizado com projeto e poder que excedem nossa imaginação. O apóstolo Paulo entendeu esse papel da revelação geral e declarou: “Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis” (Rm 1.20).

Uma limitação maior — o pecado — impede os efeitos da revelação geral, no entanto, e por isso pode ser totalmente ignorado ou ainda não entendido por seus receptores. Essa mensagem onipresente e poderosa pode ser distorcida e censurada. Paulo explica e justifica a ira de Deus quanto a tudo isso: “Pois do céu é revelada a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça. Porquanto, o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lho manifestou” (Rm 1.18,19). O coração do homem nunca pode ser neutro sobre a verdade. Em sua injustiça, o homem está em oposição a Deus e a qualquer fundamental reconhecimento de Deus. A informação derivada da palavra natural pode ser deformada e obscurecida pela enganadora astúcia do coração pecaminoso. Enquanto a revelação especial pode ser distorcida ou rejeitada como revelação geral, é diferente em um aspecto maior — é auto-autenticada como verdadeira e suficiente, enquanto a revelação geral não é.

REVELAÇÃO ESPECIAL

Agora, este é o ponto do salmo 19: *Maior que toda revelação geral é a glória de Deus revelada em Sua Palavra, porque a Palavra transforma o coração do homem.* Ronald Barclay Allen comenta sobre esse salmo: “Eu creio que o ensinamento desse salmo é que *Deus revela Sua glória mais completamente em Sua Palavra do que em toda a criação* [grifos do autor]”.³⁶ A revelação geral na obra de Deus, relacionada ao seu poder criativo cumpre seu dever deixando o ser humano sem desculpas; mas isto não pode nunca produzir transformação, e essa é uma verdade absoluta para os problemas da alma, porque a revelação natural é muito vaga para que possa cumprir esse propósito. A revelação especial das Escrituras é necessária para a salvação — sendo divina, é a verdade absoluta que pode converter a alma (Rm 1.16,17; 1 Co 1.18).

³⁶ Ronald Barclay Allen, *Praise! A Matter of Life and Breath* (Nashville: Thomas Nelson, 1980), 140.

O salmo todo se encaixa no versículo 7, o qual declara: “A lei do SENHOR é perfeita, e refrigera a alma...”. “Refrigera” é a mesma palavra com frequência traduzida como “converter”, “restaurar” ou “retornar”.³⁷ A Palavra de Deus é “perfeita” no sentido de que é ideal ou perfeitamente adaptada para o homem; a alma que tem sido deturpada e deformada pelo pecado e por sérios problemas existenciais pode ser reformada por seu poder. Hebreus diz: “Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4.12). Este texto não está dizendo que a Palavra de Deus divide a alma do espírito, mas que ela divide o ser interior do homem — tanto que chega até os mais profundos pensamentos e intenções (ou motivações) do coração. A informação da revelação geral não pode nunca esperar produzir esse resultado, porque Deus jamais pretendeu isso. O ocasional discernimento útil provido através da busca em coisas como desordens do sono, percepção visual e desordens orgânicas do cérebro nunca se aproximarão do poder da Palavra de Deus para transformação. A Palavra de Deus é inigualável dentro da dominante autoridade que possui sobre a alma.

Usar a psicologia para cuidar da alma é como tratar de um câncer com aspirina. Isto irá aliviar temporariamente a dor ou até mascarar os sintomas, mas nunca irá penetrar nos assuntos do coração, como, de fato, pode fazer a Palavra de Deus.

Alguns poderiam argumentar que essa passagem bíblica fala apenas sobre o homem não-regenerado e não se aplica a cristãos que estão sendo aconselhados. No entanto, este não é o caso. Ainda que uma ampla aplicação possa ser feita para os não-crentes, os últimos oito versículos desse salmo (v. 7-14) descrevem o poder santificador da Palavra de Deus na vida do crente. E se é verdade que a Palavra de Deus é melhor para trazer à tona a glória de Deus no homem do que a revelação geral, então, por que os cristãos iriam querer retornar às mais simples e mais fundamentais verdades da revelação geral quando eles têm uma verdade tão grande, transformadora de vidas, a seu dispor?

Os efeitos da Palavra na vida do homem incluem: “refrigera a alma”, “faz sábio o simples”, “alegra o coração”, “ilumina os olhos”, “dura para sempre” e é “totalmente fiel”. As primeiras cinco características são participios, significando que a Palavra da vida renova a vida em um processo constante, concede profundidade de discernimento, dá alegria ao coração, abre os olhos para o entendimento, e nunca estará fora de época. Onde mais uma pessoa poderá encontrar conselhos como esses? Essas frases expressam

³⁷ Erns Jenni, Claus Westermann, *Theological Lexicon of the Old Testament*, Vol. 3, tradução de Mark E. Biddle (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997), 1312- 13 17.

o progressivo ministério e relevância da Palavra de Deus. A sexta característica é uma declaração resumida que conduz à idéia de que a Palavra de Deus tem pleno poder para produzir uma compreensiva justiça.

Os adjetivos em referência à Palavra de Deus descrevem de diversas maneiras a Bíblia como sendo perfeitamente satisfatória, “justa”, “pura”, “clara” e confiável conselheira. Os sinônimos aqui apresentados para a Palavra de Deus demonstram como seu conselho poderia ser aplicado. Esses sinônimos incluem a divina “lei” (Torah), um “testemunho”, direções, mandamentos, o temor de Yahweh e os juízos de Yahweh. Em outras palavras, a verdade de Deus não é opcional. Não é um apanhado de sugestões divinas. Para que a Palavra tenha efetivamente necessário impacto sobre o coração de um aconselhado, ela deve ser colocada com verdadeira reverência. Quando isto é feito, o aconselhado achará seu gosto realmente doce (v. 10).

Os versículos 11-14 desenvolvem o movimento final do salmo. O impacto radical que essa Palavra teve sobre a vida de Davi se torna evidente. Ele abre seu coração para mostrar como foi transformado pelo conselho de Deus, levando-o a glorificar a Deus. Fora da Palavra, Davi pergunta: “Quem pode discernir os próprios erros?” (v. 12). Essa pergunta retórica evoca uma resposta ainda mais forte: *Ninguém pode!* Davi ora: “Purifica-me tu dos que me são ocultos. Também de pecados de presunção guarda o teu servo, para que não se assenforeiem de mim” (v. 12,13). Pecados secretos são os pecados ocultos da alma, enquanto “pecados de presunção” são os pecados conhecidos. Pecados de presunção têm a lamentável característica de escravizar aqueles que por eles são dominados; eles assumem domínio na vida de uma pessoa (por exemplo: desejo sexual, glotonaria, embriaguez ou raiva). Esses são pecados cometidos com pleno conhecimento de sua pecaminosidade e assim mesmo, são deliberadamente cometidos.

As Escrituras identificam o pecado como o principal problema do coração humano, revelando a urgente necessidade de aconselhamento (Jr 17.9). Outros fatores que contribuem, incluem tanto problemas orgânicos quanto pecados cometidos por outros. Esses pecados de outros, contra ou em volta da pessoa, têm impacto direto sobre ela (por exemplo: estupro, incesto, abuso físico, irresponsabilidade financeira, ódio, raiva, ciúmes). Todas as questões que provocam necessidade de aconselhamento são conseqüência da perversidade de uma maldição do pecado e de um mundo infestado de demônios (Tg 3.14-16). Mas mesmo em casos de sofrimento injusto, como responde o coração de uma pessoa?³⁸ Quando a Palavra de Deus é acolhida e obedecida, o indivíduo caminha livre de culpa. Davi anuncia corajosamente: “...então serei perfeito, e ficarei limpo de grande transgressão” (v. 13).

³⁸ Uma excelente ferramenta para instruir conselheiros cristãos a resistir quando estiverem enfrentando sofrimentos injustos está em 1 Pedro 2.13—4.19.

Sua oração final é para que ele seja aceito diante de Deus (v. 14). Ele sabe que isto será verdade apenas se ambas as suas ações (“as palavras dos meus lábios”) e seus desejos (“o meditar do meu coração”) estiverem agradando a Deus. O Senhor é a sua Rocha e o seu Redentor.

A questão crítica

Maior que toda a revelação geral é a glória de Deus revelada em Sua Palavra, porque ela *sozinha* transforma o coração do homem. Para a questão crítica, “por que aconselhamento bíblico e não psicológico?”, a resposta deve ser necessariamente que a Palavra de Deus reina suprema no domínio da alma, onde a psicologia invade e busca usurpar a autoridade espiritual. Apenas a Palavra de Deus pode efetivamente instruir os crentes a respeito de como glorificar seu Criador.

Ao serem guiados pelos sentimentos de Davi, que ele revela no salmo 19, os cristãos têm sempre entendido que o objetivo principal do ser humano é glorificar a Deus e agradá-lo para sempre. Isto só pode ser consumado através da vivência da Palavra de Deus. Todas as psicoterapias e psicologias do homem nunca santificarão o coração humano a tão altos e nobres propósitos. De fato, o núcleo rudimentar de todas as psicologias é o eu — vivendo pelo bem-estar e satisfação do eu. A maioria das curas da psicologia fornece mensagens de amar mais a si mesmo, estimar a si mesmo e acolher a si mesmo. Todas as psicologias vêem isto como seu “principal fim”, e tragicamente, as chamadas psicologias cristãs têm sido também dramaticamente contaminadas com isso.

Além disso, a revelação geral jamais produzirá verdade absoluta, de autoridade universal na qual uma pessoa possa basear confiantemente o bem-estar de sua alma. Por quê? Porque esse nunca foi seu propósito pretendido. Por sua própria natureza, a revelação natural não pode expressar a imagem completa de Deus, muito menos Sua vontade para Suas criaturas. Sobre as deficiências da revelação geral, João Calvino comenta: “É, portanto, claro que Deus tem provido a assistência da Palavra para o bem de todos aqueles que ele tem se agradado em dar instruções úteis, porque ele prevê que sua semelhança expressada na mais linda forma idealizada no universo, poderia ser insuficiente na sua eficácia”.³⁹ A revelação natural não é qualificada para mudar a alma do ser humano. Assim como Davi descreve de forma brilhante no salmo 19, Deus entregou ao homem a mais poderosa revelação, capaz de entrar nos recantos mais profundos da alma e não apenas redimir, mas

³⁹ João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Vol. 1, ed. John T. McNeill, tradução Ford Lewis Battles (Philadelphia: The Westminster Press, 1960), 72.

também instruir em justiça; então ele deve glorificar e conviver com Deus para sempre. Todo conselho espiritual para os problemas do homem se baseia nesses fatos fundamentais. As Escrituras são a chave para o que faz da vida, *vida!* “...e não é assim que fazem bem as minhas palavras ao que anda retamente?” (Mq 2.7b).

LEITURAS ADICIONAIS

ALMY, Gary L. *How Christian Is Christian Counseling?* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000).

GANZ, Richard. *Psychobabble* Wheaton, IL: Crossway Books, 1993. ADAMS,

Jay E. *The Christian Counselor's Manual*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1973.

ADAMS, Jay E. *Competent to Counsel*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1970.

MACARTHUR, John e Wayne A. Mack. *Introduction to Biblical Counseling* Dallas: Word, 1994.

Fonte: *Pense Biblicamente*, John MacArthur,
Editora Hagnos, p. 307-335.